

## **A Expo 98 (1998)**

Como o próprio catálogo oficial do Pavilhão de Portugal faz questão de sublinhar, a exposição mundial, organizada em Lisboa, pretendia mostrar um «Portugal moderno, desenvolvido, internacionalmente reconhecido e respeitado, aberto ao mundo e ao progresso» (*CATÁLOGO OFICIAL DO PAVILHÃO DE PORTUGAL*, 1998).

Realizada 500 anos após a chegada de Vasco da Gama à Índia, a Expo 98 ambicionou lidar, simultaneamente, com o presente de um país com uma economia frágil – cujos territórios industrializados se encontravam a recuperar de profundas crises sociais – e reinventar uma narrativa do passado, ao apresentar a Expansão Marítima Portuguesa enquanto projeto assente no conhecimento científico e na inovação e não nos processos de conquista e dominação (NEVES, 2019: 44-54). Tratar-se-ia, assim, de um «trampolim» para alcançar o grupo dos países modernos.

Naturalmente, a cidade de Setúbal não ficou à margem de um acontecimento desta magnitude e, atendendo à proximidade geográfica em relação à localização do mesmo, partilhou tanto expectativas como algumas preocupações face a um possível centralismo que ele podia representar.

No que à primeira situação diz respeito, as agências de turismo olharam para a exposição como uma excelente oportunidade de receber mais turistas estrangeiros e, assim, possibilitar a dinamização da economia local.

A pensar na Expo, a Região de Turismo da Costa Azul produziu um mapa em perspetiva da costa de Setúbal que – inserindo-se numa estratégia promocional – visava destacar «alguns pontos de interesse da cidade de Lisboa. Expo' 98 e curiosamente o novo eixo-ferroviário Norte/Sul» (*O SETUBALENSE*, 1998, 22 de maio: 5) antecipando, assim, a possível chegada de um número crescente de turistas a Setúbal.

Inaugurada em 22 de maio, a descrição publicada n'*O Setubalense* anuncia,

no entanto, um certo mal-estar que remete não só para uma certa marginalização de regiões como a de Setúbal mas, sobretudo, para o papel de distinção social que o próprio acontecimento adquiriu, e que está descrito neste excerto: «Por aqui, nós que até temos o Sado e uma ótima costa marítima não precisamos nada de ir ver o Tejo (já chega todos os dias de manhã a caminho de Lisboa, e depois na volta) e temos um parque de merendas onde se podem fazer piqueniques (...)» (SANTOS, 1998: 11).

Longe de desaparecer, este mal-estar aprofundou-se quando se percebeu que, do ponto de vista turístico, não iria haver uma dinamização da cidade e da sua economia. Desta feita, a par da grandiosidade e das esperanças atribuídas à Expo 98, esta veio a revelar as fragilidades que ainda se faziam sentir num Portugal que se pretendia moderno. **[JS]**



Pavilhão Atlântico da Expo 98



**«E chegou, finalmente, o tão esperado dia! Com pompa e circunstância, com os acessos à cidade de Lisboa transformados num autêntico caos (...) a última exposição mundial do século abriu as suas portas a presidentes, príncipes e reis. Para lá daquelas portas, muito foram os que fizeram de conta que não viam os trabalhos de «última hora» que continuam, desde há meses, a decorrer num recinto que pretende ser o orgulho português ( e não dos portugueses, já que grande parte das famílias deste país tem que fazer malabarismos com o orçamento se pretenderem visitar, condignamente, a exposição»** (SANTOS, *ibidem*).